Caroline Massin: Voz Silenciada da História

Um exercício de escrita em primeira pessoa, com base em factos históricos reais

O meu nome é Caroline Massin. Nasci em 1802, numa França ainda a sarar das suas revoluções. A vida não me ofereceu muitos favores: cresci pobre, órfã de proteção, mas nunca de coragem. Tornei-me mulher cedo, das que se sustentam sozinhas — com palavras, com arte, com dignidade.

Trabalhei como atriz e leitora pública. Fui julgada por isso. Chamaram-me nomes por ousar viver do meu próprio talento. Eu lia, ensinava, recitava. Alimentava mentes e pagava as minhas contas. Não era fácil, mas era livre.

Foi nesse tempo que conheci Auguste Comte. Amou-me como se fosse génio, temeu-me como se eu fosse ameaça. Casámo-nos em 1825. Eu, com esperanças. Ele, com ideias grandes e um coração atormentado. Cuidava dele nas suas crises, ficava ao seu lado enquanto ele delirava com a ciência. Mas o homem que sonhava reorganizar o mundo era incapaz de confiar na mulher que dormia ao seu lado.

Chamou-me infiel, ingrata, interesseira. Expulsou-me da sua vida, da sua obra, da sua memória escrita. Separámo-nos em 1842. Ele tornou-se famoso. Eu tornei-me fantasma — a mulher a quem nunca foi dado o direito de resposta.

Mas respondi, sim. Escrevi. Vivi. Reivindiquei o meu nome. A minha história. Não fui musa. Não fui mártir. Fui humana. Fui presença real no processo que fez de Comte o pai do positivismo. Porque até os grandes precisam de quem lhes segure as mãos quando o mundo interno desaba.

Não quero estátuas. Mas também não aceito que apaguem o que fui. Fui Caroline Massin. Fui mulher. E fui necessária.